

DOI: 10.20911/21799024v14n2p126/2023

## **Análise objetiva de alguns diálogos siríacos sobre Liturgia e Cristologia**

**Richarde Barbosa Guerra<sup>1</sup>**

**Resumo:** O presente artigo se propõe a analisar seis autores de dois diálogos siríacos a respeito de liturgia e cristologia e partir desta leitura buscar caminhos de convergência entre a Igreja Católica Romana e as Igrejas Ordoxas e Ortodoxas orientais.

**Palavras-chave:** Igreja Católica Romana; Igrejas ortodoxas; diálogos.

**Abstract:** This article aims to analyze six authors of two Syriac dialogues concerning liturgy and Christology, and through this examination, to seek paths of convergence between the Roman Catholic Church and the Eastern Orthodox Churches, both Oriental and Orthodox.

**Keywords:** Roman Catholic Church; Orthodox Churches; dialogues.

### **Introdução**

O estabelecimento de um diálogo entre a Igreja Católica Romana e as Igrejas Ortodoxas e Ortodoxas Orientais é de grande importância tanto do ponto de vista religioso quanto do ponto de vista cultural e histórico. Essas duas tradições cristãs têm raízes profundas que remontam aos primeiros séculos do

<sup>1</sup> Mestrando em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia- FAJE, Belo Horizonte, MG.

Cristianismo e compartilham muitas semelhanças teológicas e litúrgicas, bem como diferenças significativas. Citam-se, a seguir, algumas razões pelas quais o diálogo entre essas igrejas é tão relevante.

- **Unidade cristã** – O objetivo principal do diálogo é promover a unidade cristã. A divisão entre a Igreja Católica e as Igrejas Ortodoxas, conhecida como o “Grande Cisma do Oriente”, ocorreu em 1054, e a divisão entre as Igrejas Ortodoxas Orientais e as outras Igrejas Ortodoxas ocorreu em vários momentos ao longo da história. Restaurar a comunhão entre essas igrejas seria um passo importante em direção à unidade do cristianismo (LANNE, 1996, p.18-136.)

- **Herança comum** – As Igrejas Católica Romana, Ortodoxas e Ortodoxas Orientais compartilham uma rica herança cristã que inclui figuras como os Pais da Igreja, concílios ecumênicos e tradições litúrgicas antigas. O diálogo pode ajudar a preservar e aprofundar essa herança comum.

- **Diálogo teológico** – O diálogo entre as igrejas permite a discussão de questões teológicas que têm sido pontos de divergência, como a autoridade do Papa, o Filioque – uma cláusula adicionada ao credo niceno-constantinopolitano – e a compreensão da Trindade. O diálogo promove uma compreensão mútua e pode levar a acordos teológicos que ajudam a resolver essas diferenças.

- **Paz e tolerância religiosa** – Em muitas partes do mundo, cristãos de diferentes tradições vivem lado a lado. O diálogo entre as igrejas promove a paz, a cooperação e a tolerância religiosa, contribuindo para a harmonia nas comunidades em que estão presentes.

- **Testemunho comum** – As igrejas podem dar um testemunho mais forte e unido ao mundo quando trabalham juntas em questões morais, sociais e éticas. Isso pode incluir esforços conjuntos para combater a pobreza, a injustiça social, a perseguição religiosa e outras questões globais.

- **Preservação da cultura** – Muitas tradições culturais e artísticas estão intimamente ligadas às igrejas ortodoxas e católicas. O diálogo ajuda a preservar e promover essas expressões culturais, que são de grande valor histórico e artístico.

- **Espiritualidade e liturgia** – As tradições litúrgicas e espirituais das igrejas ortodoxas e católicas estão profundamente arraigadas na história e na espiritualidade cristã. Compartilhar essas riquezas espirituais pode enriquecer a vida religiosa de ambos os lados e contribuir para uma compreensão mais profunda de Deus.

O estabelecimento de um diálogo entre a Igreja Católica Romana e as Igrejas Ortodoxas e Ortodoxas Orientais é fundamental para promover a unidade cristã, resolver diferenças teológicas, promover a paz e a tolerância religiosa, preservar a herança cultural e artística e fortalecer o testemunho cristão no mundo. Embora as diferenças persistam, o diálogo contínuo é um passo importante em direção à reconciliação e à cooperação entre essas tradições cristãs antigas (BROCK, 2005. P.5-20).

Neste trabalho, faz-se um recorte de seis autores que participaram de dois diálogos siríacos ocorridos no período do final do Século XX que demonstram a cristologia na liturgia das igrejas siríacas, mostrando elementos que corroborariam a tese de que, de forma alguma, contrariam a visão de Cristo da Igreja Católica ocidental.

## **1-Textos selecionados do primeiro diálogo siríaco (BERGER; GES, 1994, p. 167-193):**

### **1.1 - O *Quddasha* dos apóstolos Addai e Mari e a narrativa da instituição eucarística – Sarhad Jammo (caldeu)**

Trata-se, neste ensaio, da presença ou ausência da eucaristia Narrativa da Instituição na *Anáfora de Addai e Mari*, e o significado desse fator para a história da oração eucarística.

Existem três anáforas em uso pela Igreja do Oriente. A *Ijudhra de Mar Esha'ya*, aparentemente do Século X, é o mais antigo manuscrito litúrgico conhecido que contém o texto das três anáforas. Seus títulos são executados, respectivamente: "Quddasha Da-Shlihe", "Quddasha Da-Mpashqana" e "Quddasha D-Mar Nestoris".

Brevidade é uma característica constante do Hudhra. Na maior parte do manuscrito posterior há formulários contendo o Takhsa d-Raze com os seguintes títulos-padrão, como apresentado por Kelaita (1928): o *Quddasha dos Apóstolos* – composto por Mar Addai e Mar Mari, os abençoados apóstolos; o *Quddasha de Mar Theodore* – o Intérprete dos Livros divinos, Bispo de Mopsuestia – que foi traduzido idioma grego para o siríaco por Mar Abba, o *Catholicos*, quando ele subiu na região dos romanos. Além disso, ele o produziu com a ajuda de Mar Thomas, o Doutor, de Edessa'O *Quddasha de Mar Nestorius*, Patriarca de Bizâncio – da cidade de Constantinopla – mártir, sem sangue e perseguido por causa dos ortodoxos fé. O *Catholicos Mar Abba*, o Grande, de abençoada memória, quando subiu ao da região dos romanos, traduziu a *Anáfora de Mar Nestorius* e todas as suas obras da língua grega para o siríaco, como o *Catholicos Mar John* (Bar Abgar 900-905) indica no poema que fez sobre os Padres.

As três anáforas parecem ser apenas um remanescente de uma coleção mais rica que parece ter estado em uso no domínio da Igreja do Oriente.

De todas essas anáforas, por que só três nos restam hoje?

A resposta nos foi dada pelo Chronicle of Seert foi: "I'yahb que, ao ordenar as orações, escolheu três Anáforas e proibiu o aproveitamento do resto". Das três anáforas, o *Quddasha de Addai e Mari* é, sem dúvida, a principal liturgia da Igreja do Oriente. É a mais venerável e a mais discutida. Uma de suas características principais é a ausência da narrativa da instituição eucarística. Nessa característica é que se focará nesta pesquisa.

A possibilidade permanece de que a Anáfora de Addai e Mari é a mais antiga anáfora real existente e é quase certamente a mais antiga ainda em regular uso. O texto de A&M permanece digno de grande veneração e de séria consideração pela história da oração eucarística primordial.

O assunto principal, no entanto, nesta apresentação, que é ao mesmo tempo o ponto crucial da A&M, é a ausência da narrativa da instituição em todo o manuscrito. Como isso pode ser explicado? Esteve ausente desde o início da formação da anáfora? A anáfora foi abreviada em algum momento posterior e a narrativa removida dele? Uma resposta convincente a essa pergunta pode muito bem ser a rota secreta para o tesouro escondido!

## **Conclusão**

Hoje, ainda, é o caso da Igreja do Oriente. A&M é uma preciosidade venerada e bastante válida forma consagratória de oração eucarística, porque:

a) é um autêntico testemunho eulógico e remanescente do Cristianismo primordial e da era apostólica;

b) ainda que a Narrativa da Instituição não conste do texto da anáfora, a conexão entre a celebração da igreja e a Última Ceia é estabelecida de forma clara e concisa;

c) a Igreja do Oriente adotou dois outros Quddashe contendo a Narrativa da Instituição, declarando, com isso, sua intenção de se relacionar com o rito institucional escriturístico da eucaristia, aceitando, também, os desenvolvimentos teológicos e litúrgicos no cristianismo ocidental. Com essa mesma intenção, a Igreja do Oriente celebra o Quddasha de Addai e Mari até hoje.

## **1.2 - A Anáfora de Addai e Mari na Igreja do Oriente: eucaristia sem narrativa da instituição? – Peter Hofrichter (católico romano)**

### ***Eucaristia sem narrativa institucional pode ser autêntica?***

O Evangelho de João, ao contrário dos Evangelhos de Marcos, Mateus e Lucas, não menciona a instituição da Eucaristia no último jantar. Segundo o Quarto Evangelho, a base da celebração da Eucaristia é a alimentação maravilhosa ou a multiplicação do pão. A origem do Quarto Evangelho pode ser encontrada novamente na Síria, pelo menos em sua camada pré-redacional, que ainda não falou da carne e do sangue de Jesus, mas apenas do próprio Jesus como o ser vivo, pão que desce do céu (Jo 6,32-41). Ressalte-se que os Evangelhos Sinópticos também usam terminologia e motivos eucarísticos em seus relatos da multiplicação dos pães. A testemunha mais antiga da instituição da Eucaristia na Última Ceia é São Paulo. Ele já cita a narrativa da instituição como uma tradi-

ção firme (I Cor 11, 23) e pode-se presumir que ele já se refere ao uso comum desse texto nas celebrações eucarísticas. Os Evangelhos sinópticos, também, são considerados provas implícitas dessa prática litúrgica. Por outro lado, essa conclusão da forma crítica não implica, necessariamente, uma prática geral. Nem nos Evangelhos, tampouco nos Atos dos Apóstolos, encontramos qualquer indício de que as palavras da instituição “Este é o meu corpo ...” nunca mais foram usados no contexto de “partir o pão”; não na boca do próprio Cristo ressuscitado (Emaús: Le 24,30; Galileia: Jo 21,13) e não na comunidade de Jerusalém. E se aceitarmos que Paulo e os sinópticos, por suas citações, já dão testemunho de certa prática litúrgica, conseqüentemente, devemos também admitir que o Evangelho de João e a igreja por trás dele não conhecem essa prática ou mesmo se opõem a ela por sua omissão. Enfim – e isso é decisivo –, até a própria narrativa da instituição, segundo Paulo e os Evangelhos Sinópticos não afirmar que Jesus ordenou esta mesma ação para ser comemorado ou as palavras que ele costumava ser repetidas. De acordo com Paulo (I Cor. 11,23), Jesus ordenou uma ação, não uma palavra: Ele disse: “Faça isto...” E continuou: “em minha memória”. Isso significa que ele ordenou que a Eucaristia fosse celebrada em memória de sua pessoa em relação a toda a sua obra de salvação. Ele também não disse: “Faça isso em memória do que estou fazendo agora”, tampouco acrescentou: “e fale estas minhas palavras”. Quanto às palavras apropriadas de significado, de acordo com os Evangelhos, elas não podem ter sido as palavras da transubstanciação, mas obviamente uma interpretação após os discípulos já haviam recebido o sacramento: “[...] depois partiu o pão, deu a eles e disse: ‘Isto é o meu corpo [...]’” “Então ele pegou o cálice, agradeceu, deu aos discípulos e todos beberam dele. E ele disse a eles: “Este é o meu sangue [...]” (Mc 14,22-24).

Ao todo, há várias razões sérias para reconhecer que a celebração da Eucaristia sem a narrativa ou as palavras da instituição podem, também, ser consideradas tradições autênticas que remontam aos primórdios da Igreja. Eles são preservados, principalmente, na Síria e ainda encontrados no *Didaché*, em os Atos apócrifos de João e de Tomé na *Anáfora de Addai e Mari* e em outras anáforas de origem síria como as de Jacob de Sarug, Peter, Xystus ou Barsalibi.

Pesquisas recentes chegaram à conclusão de que a tradição da Eucaristia sem referência à instituição, comparada com a de Paulo e dos sinópticos, pode até ser a mais original. Está ligada à multiplicação dos pães, à compreensão da Eucaristia como pão do céu e pão da vida e ao motivo veterotestamentário do maná no deserto. Conceitos semelhantes encontramos em Philo de Alexandria e no livro sobre José e Aseneth. Em todo caso, o Novo Testamento e, especialmente, os Evangelhos Sinópticos nos mostram duas interpretações diferentes da Eucaristia, uma ao lado da outra: a da multiplicação dos pães e a da instituição na Última Ceia.

### ***A Igreja Católica pode concordar com a Anáfora de Addai e Mari em sua forma original?***

O novo “Catecismo da Igreja Católica” refere-se, em seu número 1.412, à forma tradicional das “palavras de consagração, ditas pelo próprio Jesus na

última Ceia: 'Este é o meu corpo que foi entregue por você [...] este é o cálice do meu sangue...'. Em seu número seguinte (1.413) diz: "Pela consagração é realizada a transsubstanciação, isto é o que os católicos são ensinados. Mas é necessário perceber que mesmo a teologia católica conservadora não considera a doutrina que as Palavras da Instituição são a [...] forma *sacramenti*" para ser uma doutrina "de fide" mas apenas uma "sentença certa".

Isso significa que essa doutrina é tomada como certa, mas que não foi definitivamente dogmatizada. Há espaço suficiente, portanto, para novos *insights*. De fato, a abordagem teológica a essa questão tem mudado.

Segundo a convicção comum da Igreja Velha, bem como dos teólogos católicos contemporâneos, a presença de Cristo nos elementos eucarísticos deve-se a toda a celebração eucarística, e não a uma única fórmula. A validade da celebração, portanto, também não pode depender de um só texto decisivo. Manjerição, o Grande, estende esse poder de consagração a tudo o que é falado na Eucaristia litúrgica.

Mesmo visto de um ponto de vista ocidental tradicional, no entanto, a *Anáfora dos apóstolos Addai e Mari* comprovam todas as intenções de uma celebração eucarística. Apesar da ausência de uma narrativa da instituição, falar do corpo e do sangue de Cristo, está essencialmente relacionado com os acontecimentos da Páscoa e é entendido como um sacrifício. Uma oração diz: "[...] em memória do corpo e do sangue do teu Cristo, que nós oferecemos a ti em teu altar puro e santo como tu nos ensinaste[...]"

Além disso, há também uma anamnese explícita dos acontecimentos pascais: o padre diz:

E nós também, ó meu Senhor, teus servos fracos, frágeis e miseráveis que estão reunidos em teu nome. Ambos estão diante de ti neste momento e recebemos o exemplo que nos foi dado, regozijando-nos e louvando e exaltando e comemorando e celebrando este grande e vivificante mistério divino da paixão e da morte e do sepultamento e da ressurreição de nosso Senhor nosso Salvador Jesus Cristo.

Por último – não menos importante –, a Igreja Católica já concordou oficialmente com a comunhão com a Igreja Ortodoxa Síria. O que obviamente implica que a Eucaristia é reconhecida como válida, embora – como vimos – algumas anáforas não contenham as palavras de instituição ou significação. O mesmo fato, também, pode ser possível no caso da Igreja do Oriente.

### ***Relevância ecumênica da tradição da Síria Oriental***

Cristãos Católicos e Ortodoxos devem ser e: inteiramente gratos à "Igreja do Oriente" por ter salvado uma tradição original e autêntica totalmente deslocada e esquecido em cerca de 11 outros ramos do cristianismo.

A existência de anáforas sem a instituição das palavras ou mesmo sem qualquer referência à instituição, como a de *Addai e Mari*, deve mudar essencial-

mente o conceito católico tradicional da Santa Missa. Assim também, o conceito tradicional da doutrina ortodoxa de que a consagração é realizada pela epiclese diz respeito a *Anáfora dos Apóstolos Addai e Mari*, por causa do caráter incomum que esta oração aqui mostra, pois o Espírito Santo é chamado aqui para os elementos eucarísticos sem qualquer referência ao corpo e ao sangue de Cristo:

E que venha, ó, meu Senhor, o teu Espírito Santo e descanse sobre esta oferenda de teus servos e abençoa-a e santifica-a para nós, ó meu Senhor, para o perdão das ofensas e remissão dos pecados e para a grande esperança da ressurreição da morte e para uma nova vida no reino do Céu com todos aqueles que têm passado bem à tua vista.

De acordo com a convicção comum das Igrejas Ortodoxas, a Igreja do Oriente considera essa epiclese da *Anáfora de Addai e Mari* como a oração de consagração. No entanto, o conceito ortodoxo de consagração também não corresponde propriamente aos textos dessa antiga liturgia. O Espírito Santo aqui está chamado não para fazer pão e vinho, corpo e sangue de Cristo, mas para fazer das oferendas um meio de perdão e de vida eterna para nós. Obviamente, o *Anáfora dos Apóstolos* não dá apoio nem ao católico, tampouco ao ortodoxo de posições tradicionais.

A evidência da *Anáfora dos Apóstolos Addai e Mari* pode nos levar à percepção de que a velha controvérsia entre católicos e ortodoxos sobre a presença de Cristo no sacramento da Eucaristia ocorre pelas palavras de Instituição ou pela Epiclese do Espírito Santo de fato não tem sentido. Não é por esta ou aquela fórmula, mas por toda a celebração com sua Oração Alta ou anáfora de que Cristo se faz presente nos dons eucarísticos do pão e do vinho, não pelo menos de acordo com sua promessa: "Onde houver dois ou três reunidos em meu nome, eu estou no meio deles" (Mt 18,20).

Há algum tempo a Igreja do Oriente decidiu imprimir a *Anáfora dos Apóstolos* em seus missais com a narrativa da instituição inserida em página sem número. e muitos padres realmente usam esse texto para evitar todas as dúvidas sobre a validade de sua Eucaristia. Entenda-se: dificilmente seria um problema para a Igreja do Oriente também tornar essa adição obrigatória, como os católicos de Chal e Malabar fizeram há muito tempo por razões dogmáticas. Mas isso nos privaria, definitivamente, de um motivo importante e compulsivo para o desenvolvimento de um conceito mais abrangente e mais ecumênico da Eucaristia em nossa própria Igreja.

Quando a *Conferência sobre Fé e Ordem do Conselho Mundial de Igrejas* publicou em 1982, em Lima, as Declarações de Convergência sobre os sacramentos do batismo, eucaristia e ordenação foi um grande avanço nos esforços ecumênicos para a unidade. De acordo com a tradição ocidental, essa declaração confirmou a importância central das palavras da instituição: "As palavras e atos de Cristo na instituição da eucaristia está no centro da celebração".

Para atender também a posição das igrejas ortodoxas, essa declaração foi contrabalançada por uma ênfase na importância da epiclese e o caráter epiclético de toda a celebração. O comentário sobre esse ponto, no entanto, parece

estar aberto também para a tradição síria oriental, embora não seja explicitamente levado em conta:

Nas primeiras liturgias, toda a 'ação de oração' era pensada como trazendo sobre a realidade prometida por Cristo. A invocação do Espírito foi feita tanto na comunidade como nos elementos do pão e do vinho. Recuperação de tal compreensão pode nos ajudar a superar nossas dificuldades em relação a um momento especial de consagração.

O testemunho da Igreja do Oriente por meio da sua *Anáfora dos Apóstolos Addai e Mari* pode facilitar essa recuperação e promover a consciência teológica das Igrejas Católica e Ortodoxa nessa direção esperançosa.

## **2- Textos extraídos do segundo diálogo siríaco (BERGER, GES 1997, p. 153-190):**

### **2.1 - A liturgia síria oriental é uma expressão da cristologia – Baby Varghese (siro-indiano)**

"Nossa doutrina concorda com a Eucaristia, e a Eucaristia confirma nossa doutrina", escreveu Irineu na segunda metade do século II. As palavras do bispo de Lyon expressam muito bem o pensamento da Igreja primitiva, que sempre insistiu na relação intrínseca entre a doutrina e a liturgia eucarística. As orações eucarísticas foram compostas, primeiro, no interesse da uniformidade doutrinária, não litúrgica. Em verdade, a própria oração eucarística, com seu relato da história da salvação, com sua repetição da festa da Nova Aliança, é a proclamação da comunidade da fé comum.

A oração eucarística, embora tenha uma estrutura trinitária, é cristocêntrica, dando grande peso às frases sobre a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade. A dimensão cristológica é, às vezes, enfatizada dirigindo-se à Anáfora a Cristo – por exemplo, a anáfora grega de Gregório de Nazião ou a oração pós-sanctus de Addai e Mari. Nos séculos posteriores, a dimensão doutrinal da liturgia foi ainda mais enfatizada com a introdução do Credo niceno-constantinopolitano. A presença do credo na liturgia – também cristão em sua formulação – era a demarcação da ortodoxia. As orações de todas as celebrações sacramentais e litúrgicas foram cuidadosamente compostas de acordo com os limites da ortodoxia, de modo que elas devem expressar a mente da Igreja.

Alguns dos textos patrísticos foram incorporados aos textos litúrgicos, tanto em interesse devocional quanto doutrinário. Isso explicaria a presença de um grande número de hinos de Santo Efrém nas tradições sírias oriental e ocidental. Os sírios ocidentais colocaram o *manitho de Severus de Antioquia* – o melhor resumo da cristologia – no início da liturgia eucarística, bem como no ofício diário. Da mesma forma, os sírios orientais incorporaram partes dos escritos de seus pais nos textos litúrgicos, especialmente para ilustrar o mistério de Cristo. As



orações eram sempre cuidadosamente selecionadas e introduzidas na liturgia, para imprimir a fé da Igreja na mente dos crentes. Assim, a doutrina é “vivida”, isto é, expressa, celebrada e transmitida na e por meio da liturgia.

### ***Liturgia na celebração do Mistério de Cristo***

Para a tradição síria oriental, como em outras tradições cristãs, a liturgia é a celebração da economia de Cristo. O Mistério de Cristo é “representado” nas e por meio das celebrações sacramentais e do ano litúrgico. O ano litúrgico é centrado no domingo, dia sacramental da ressurreição. O ano litúrgico é uma “anamnese” da Economia da Salvação, desde o nascimento de Cristo até a Sua gloriosa segunda vinda. Na sua estrutura e celebração, o ano litúrgico tem uma finalidade catequética.

A Natividade, a Epifania e a Páscoa são as expressões litúrgicas de uma cristologia. Algumas longas orações da Epifania são excelentes resumos de cristologia, contendo algumas vezes longas meditações sobre a economia de Cristo.

Teodoro de Mopsuestia, o grande doutor da tradição síria oriental, em sua homilia sobre os sacramentos do Batismo e da Eucaristia, expõe a doutrina sacramental teológica da tradição siro-antioquena. Segundo ele, o batismo é o “meu mistério inefável (*rozo*) que contém os sinais incompreensíveis (*otwoto*) da Economia da Nosso Senhor”. Quer seja batismo, quer seja eucaristia, recordamos a morte e a ressurreição de Cristo. A celebração sacramental fortalece nossa esperança na ressurreição final: “É de fato evidente para nós, de acordo com as palavras do Apóstolo, que quando realizamos o batismo ou a Eucaristia, os realizamos em memória da morte e ressurreição de Cristo; para que a esperança deste último seja fortalecida em nós”.

### ***A doutrina da dualidade das hipóstases***

A tradição da Síria Oriental herdou a cristologia da antiga escola Antioquena, conforme exposta por suas figuras proeminentes, como Diodoro de Tarso, Teodoro de Mopsuéstia e Teodoreto de Cyr. Esses três antioquenos são caracterizados pelo estudo do texto do evangelho literalmente a fim de «descrever a história de nossa salvação em vez de explicá-lo». Eles prestaram atenção especial ao Jesus histórico, especialmente à sua natureza humana. Eles aceitaram a plenitude da divindade de Deus, a Palavra, que está presente em Cristo, mas é independente em essência e em manifestação. A principal preocupação deles era apresentar a plena realidade das naturezas divina e humana em Cristo. Os feitos divinos e humanos de Jesus foram atribuídos, às vezes, a Deus e, às vezes, ao homem.

### ***Conclusão***

Os conceitos theodorianos de habitação da Palavra – e Jesus como o Ajudador da humanidade – são vistos quase regularmente nos textos litúrgicos da

Síria Oriental. É precisamente a causa destas expressões que as outras igrejas orientais acusam os sírios orientais de defenderem a doutrina de dois filhos. Esses conceitos são de origem mesopotâmica e poderiam muito bem remontar pelo menos dois séculos ao tempo de Teodoro de Mopsuéstia.

Assim, nós os encontramos nas *Odes* de Salomão e nos *Atos Siríacos* de Tomé. Como H. J. W. Drijvers sugeriu, eles podem ter sido introduzidos na cristologia de Antioquia por Lucien of Antiochene, o fundador da Escola de Antioquia, que teve sua formação teológica em Edessa.

Ao introduzir textos cristológicos na liturgia, os escritores sírios orientais pretendiam comunicar aos fiéis sua visão tradicional de Cristo e, assim, conservá-la na e por meio da vida litúrgica. A esse respeito, a abordagem deles está em perfeita continuidade com a tradição cristã primitiva. Mas isso não significa que as outras igrejas irmãs orientais poderiam facilmente apreciar seus conteúdos doutrinários, às vezes muito coloridos pela terminologia "nestoriana". No contexto ecumênico, a interpretação desses textos, tanto pelos sírios orientais e pelos que não estão em comunhão com eles, é de extrema importância.

## **2.2 - A liturgia siro-oriental como uma expressão da cristologia – Johrranes Madey (Católico romano)**

Não se objetiva apresentar, neste trabalho, a cristologia do siro-oriental Chmch feita por Mar Bawai Soro, Mar Aprem e os professores Davids e Chediath na primeira consulta de 1994. Portanto, concentra-se somente em conteúdos cristológicos encontrados nos livros litúrgicos oficiais da Igreja Sírio-Oriental que são, fundamental e essencialmente, o tesouro comum e a herança de todos as igrejas dessa tradição no Oriente Próximo, bem como na Índia.

A Igreja Siro-Oriente, cuja origem apostólica e da antiguidade é indiscutível, dadas diferentes circunstâncias, não caiu sob a influência ou escolas helenísticas de pensamento, mas desenvolveu sua própria terminologia e liturgia de acordo com sua tradição semítica. Ela sempre se manteve muito próxima da Bíblia Sagrada, cujos autores se expressavam em aramaico, o que é até palpável quando usavam o grego como língua de expressão. Sua liturgia está profundamente arraigada na Bíblia e pressupõe a adoração na sinagoga do povo de Deus do Antigo Testamento.

Existe, porém, uma diferença essencial entre a Liturgia do povo do Antigo Testamento e a Liturgia da Igreja Sírio-Oriental ou Católica e Apostólica do Oriente. "Os livros litúrgicos, especialmente o Ofício Divino (Hudra) desta Igreja, contêm a doutrina e os termos." Essa liturgia é centrada, principalmente, na salvífica obra realizada pela segunda Pessoa da Santíssima Trindade. Essa é a razão pela qual a Ressurreição de Cristo, que tem tanta relevância para a salvação humana, continua a ser seu tema principal que nunca está ausente em qualquer celebração litúrgica, mesmo quando a Igreja recorda o sofrimento e a morte do seu Senhor e Salvador.

Concluindo, “a Igreja é o próprio *locus theologicus* da cristologia e suas dimensões sacramental e eclesiológica”. Em sua Liturgia, a Igreja, celebra anamnesticamente o novo Cordeiro pascal e continua a cumprir o sofrimento do Senhor. A liturgia, assim, é a celebração do poder de Deus na Cruz. O novo tempo na celebração litúrgica é um tempo sagrado, e não um “tempo linear ordinário” antes e depois. A comunidade adoradora celebra o Cordeiro pascal no eterno presente, onde passado, presente e futuro estão juntos salvificamente presentes. Portanto, a liturgia é um ato celestial: o ato do glorificado Cristo. Assim, a comunidade de adoração deve integrar ou “mergulhar” nesse ato celestial com ações de graças e louvor. Dessa forma, uma certa tensão predomina na assembleia litúrgica que procura ser autenticamente absorvida nesse agir. Eles, então, suplicam a Deus que os salve do mal, que lhes conceda misericórdia e amor; restaure seu relacionamento com Ele; perdoe, proteja e seja misericordioso, cure feridas, para renovar e permitir-lhes desfrutar a vida eterna. Assim, a celebração litúrgica é o reviver anamnético da nova Páscoa no tempo sagrado com o Cristo glorificado e com sentimento de agradecimento e louvor expressos pelas pessoas remidas.

### **2.3- Cristo na tradição litúrgica da Igreja Oriental – Pierre Yousif (caldeu)**

Esse texto trata dos temas essenciais da nossa cristologia, ou seja, das linhas mestras da pessoa de Jesus Cristo nos textos oficiais da nossa liturgia. Isso significa: primeiro, que devemos proceder mais por alusão e enumeração do que por um tratamento exaustivo; em segundo lugar, ele não limita a consideração teológica às afirmações de uma cristologia clássica e polêmica, ou seja, se em Cristo há uma ou duas naturezas, uma ou duas pessoas; de tal forma que ainda não entendemos Quem e o Que é Cristo. Aqui se tenta apresentar uma partilha geral do Filho de Deus que se fez homem, que é Cristo, o ungido e cujo nome na terra é Jesus de Nazaré e Emmanuel.

#### ***Onde e como a liturgia contempla Jesus Cristo***

Contemplamos Jesus Cristo em nossa Liturgia em ação. Essa ação, como em outras liturgias, está registrada nos textos litúrgicos, nos livros da celebração da Eucaristia, dos demais mistérios-sacramentos. dos louvores diurnos e noturnos e durante todo o ano litúrgico. Meditamos Cristo nessa atividade, que é a atividade da Igreja e dELE. Ele é o Celebrante e o Celebrado. Esses diferentes “ritos” são, em sua variedade, intimamente conectados. Sua distinção, ou separação, é apenas de ordem de estudo: oração, sacramentos, uso da leitura das Escrituras estão unidos no objetivo comum de adorar a Deus (Cristo), sua glorificação e a salvação dos fiéis. A esse respeito entendemos por que o livro de Hudra incluiu originalmente a oração litúrgica, as anáforas e próprias da Missa, os rituais do batismo e do Pa’tdon (*Hussaya*). A contemplação dos mistérios divinos e sua adoração, então. estão em harmonia com o trabalho de redenção:

a Trindade está envolvida no tornar-se homem e o resto do mistério do Filho de Deus; assim, teologia e economia são o fermento da atividade litúrgica da Igreja. que é executada em um ambiente (arquitetura) que reflete esse complexo mistério. O divino como dispensação manifesta a obra de Deus e comanda a atividade litúrgica da Igreja. Ele divide o estudo nas seguintes seções:

## **A dispensação como fio condutor da teologia de Cristo no ano litúrgico**

### **O locus da dispensação (Mdabhranuta) no ano litúrgico**

Durante um ano, a Igreja faz memória dos mistérios de Nosso Senhor e tenta atualizá-los nos fiéis mediante sua oração frutífera e a ajuda de Cristo. Três elementos da celebração eclesial levam em conta o desenvolvimento gradual dos mistérios de Cristo: o próprio da oração litúrgica, das leituras e da Santificação da Sagrada Qurbana ou a liturgia eucarística. O próprio das orações da Igreja encontra-se no ofício dos domingos, nas festas e nas comemorações, distribuído nas respectivas semanas, pelo menos ao propor *oniata* (-troporia) do domingo anterior. Não existem leituras adequadas para esses, mas apenas para o Sagrado Qurbana. Não há leituras bíblicas no ofício, apenas nos últimos dias da Semana Santa. As próprias *oniata* da Sagrada Eucaristia refletem o período litúrgico – é o caso da *'onita d-Qamke* (da capela-mor), recitada no início da celebração, geralmente é a Eucaristia (a *'Onita d-Raze* e a resposta do Bem). A *'onita* do Evangelho (da Ascensão ao período da Dedicção de a Igreja excluída) comenta a leitura do Evangelho dos dias. Os salmos apropriados são escolhidos em vista do mistério celebrado. Ao lado dessa presença "material" de elementos litúrgicos relacionados com a Dispensação de Cristo. Podem ser descobertos alguns elementos fundamentais que refletem o espírito de cada período do ano, que é a luz particular sob o qual é considerada esta economia divina. São três:

I –As leituras bíblicas próprias de cada domingo e festa (e os salmos escolhidos, seja no início do *Qwbana*, seja no próprio ofício).

II –Os cinco *oniata* próprios de cada domingo distribuídos, então, no feriado seguinte dias:

- a *'onita d-hasalike* = vésperas;
- a *'onlta do mautba* = katbisma;
- a *'onita d-lelya* = vigília noturna;
- a *'onita da sapra* = matinas;
- a *'onita da raze*= mistérios, na Santa Eucaristia;

III –O *teshbohta* = louvor, apropriado para cada *Shabo'a*, ou seja, *heptad* ou *septenaru* de período litúrgico, e o próprio *karojuta* diaconal = oração litúrgica.

## ***A dispensação divina ao longo do ano litúrgico***

Aqui estão duas acoções *powole* da Economia Divina (*mdabbranuta*) em nossa liturgia. Num sentido restrito, então inclui o tornar-se homem de Cristo e seu ministério. Nesse sentido, diz a proclamação do diácono exortando à comunhão: “E depois de toda a sua Economia por nós, o primeiro fruto da nossa natureza que foi tentada foi a Cruz” Em um sentido mais amplo, inclui a obra do Senhor até sua segunda vinda. Em ambos os casos, a dispensação começa com Sua concepção. Rabban Btikhisho, em sua famosa *Introdução ao Hudra*, descreve-o na última aceitação e de acordo com a ordenação de Mar Isho `yahb III, o reformador de nossa liturgia.

Teoricamente o ano litúrgico é dividido em sete setenários de sete semanas cada um. Mas porque o ano tem 52 semanas e a Ressurreição é móvel, o número dos setenários e algumas de suas respectivas semanas podem ser maiores ou menores. Além disso, o primeiro período (Anunciação – Natividade) é de seis semanas, e o da dedicação da Igreja é de quatro semanas. Assim temos os seguintes períodos ou setenários de semanas:

- Anunciação-Natividade: seis semanas;
- Dedicção: quatro semanas;
- Ressurreição, Pentecostes e Verão: sete semanas cada um;
- Elija, Moisés e Cruz: sete semanas mais um a três dias;
- Dedicção da Igreja: quatro semanas.

É claro que a figura de Cristo é dominante nesse esquema: vai de sua primeira vinda à segunda, onde introduzirá a Humanidade redimida, ou seja, o cônjuge da Igreja, para sua câmara nupcial.

O ano litúrgico em nossa tradição, no entanto, tem dois polos principais: o primeiro abrange desde a Anunciação até a Ascensão e diz respeito mais ao mistério pessoal (ou mistérios) de Cristo: Sua concepção-nascimento, ministério, paixão e glorificação e redenção. O segundo diz respeito a Cristo em sua ação na comunidade de seus discípulos, por obra do Espírito Santo, até sua definitiva e realização escatológica; esse é o mistério pascal compartilhado por seus membros.

Assim, o *penon* de Cristo, sua ação redentora no quadro da adoração da Trindade para a constituição do Povo do Reino constitui o fermento da Celebração cristã do ano. De modo mais específico, nossa liturgia celebra no Anunciação-Natividade o cumprimento das profecias em Cristo, sua vinda e o início da nova Era; no período da Epifania recordam-se a manifestação divina de Cristo e nosso renascimento no Espírito. No período da Quaresma anuncia-se Cristo como a Palavra de Deus revelada e revelando-O e o doador da vida nele por meio de Sua Paixão; no período da Ressurreição, contemplam-se a glorificação de Cristo e o início da comunidade messiânica e da vida do Reino; nos períodos dos apóstolos assina-se o chamado universal ao discipulado da Comunidade guiada pelo Espírito; nos períodos de Elija-Cross-Moisés medita-se sobre o esta-

belecimento desse Reino na Igreja que, no período da Dedicção, é contemplada como recebida por ela Noivo o Filho de Deus em sua realização final.

No quadro dos dois polos acima mencionados, pode-se notar uma substancial diferença na contemplação de Cristo. Nos domingos que dizem respeito ao tornar-se homem de Jesus, há uma clara insistência no aspecto dogmático de seu mistério: a unidade de sua pessoa, a dualidade de *bis qnoma* (natureza única) e de suas naturezas (natureza geral). Assim na Anunciação-Natividade, Epifania, Sexta-feira Santa, Domingo Grande: aí se falou de seu segundo nascimento, de sua mãe, de sua unção, de seu sofrimento na humanidade, de sua ressurreição. No resto do ano, Ele é contemplado antes como o Redentor, o Médico, o Pastor e Refém, o Libertador, o Perdoador dos pecados, nossa última esperança, vida e verdade, caminho para o Pai, Esposo da Igreja.

## **A liturgia das Horas como oração celebrando os mistérios de Cristo diariamente e semanalmente**

### ***Vésperas e matinas***

Embora com estrutura diferente, ambos os ofícios celebram o Cristo Luz (e no ofício de Mártir, Cristo como o primeiro mártir). As vésperas e as matinas incluem a oração a Deus e aos santos, etc., mas têm um tema cristológico. As vésperas, depois a salmodia (duas ou uma *marmithe*), contêm um ofício composto de luz e incenso. Na incensação, rogamos a Cristo que aceite nossa oração como o incenso; no escritório de luz (*Lucerwuy*), as luzes no *hykla* são acesas a partir do *qondela* (símbolo de Cristo) no santuário – e isso simboliza Cristo à luz da Palavra. Os Salmos insistem nestes dois aspectos: Sl 110: “o oferecimento das minhas mãos como a tarde oferenda” e Sl 119, 105: “Lâmpada para os meus pés é a tua palavra.” Então na escuridão (noite) do mundo, Jesus é a luz!

### ***A vigília dominical: ofício da ressurreição de Cristo***

Essa é fundamentalmente a celebração do mistério pascal de Cristo. sua vitória, que aparece claramente nos salmos escolhidos: Hualala 14, Deus reina”: Sl 93-102 e hualala 21, a partir do Êxodo. Então, enquanto a *onita* é cantada, o bispo e clérigos vão em procissão do bema (Jerusalém) ao santuário (céu) onde o Cristo glorioso vive para sempre! O Gloria (de Teodoro de Mopsuéstia) celebra o lugar de Jesus na Trindade: Ele é o mediador e o Filho de Deus.

### ***Quarta-feira, Weeldy Feria! Celebração da "Economia Divina"***

As duas quartas-feiras do primeiro e do último, têm orações especiais de mautba (*kathisma*). Insiste-se na ação salvífica de Cristo e comemoram-se

outras festas do Senhor e dos santos no Ano Litúrgico, com especial menção a Maria, também nas respectivas vésperas.

## **Santa Qurbana ou celebração da Eucaristia do Cristo Glorioso presente através dos mistérios e escrituras que nos confiou**

### ***Locus cristológico próprio da Sagrada Qurbana***

Temos em mente a liturgia dominical porque representa a forma comum e a celebração-padrão (Liturgia da Palavra e do Mistério). Nessa celebração, existem partes próprias que oficiam o mistério próprio de um setenário (D-Qanke, d-Raze, d-Bem e algumas vezes d-Ewangaliyon). Há, também, partes, relacionadas a Cristo ou não, ato comum em outras celebrações, como Lakhu Mora, etc. Permanecem as partes próprias do comum qurbana sagrada e as três anáforas. Seja a estrutura da celebração, sejam as disposições litúrgicas da Igreja, ambas estão em estreita relação com a dispensação de Jesus, em seu entendimento mais amplo.

#### Disposição litúrgica da Igreja e dispensação de Cristo

A configuração interior da igreja, ou seja, o ambiente da celebração, é realizado considerando suas diferentes partes. O simbolismo de cada parte evoca de forma sugestiva o mistério que ali se celebra. Todo o edifício é dividido em duas partes: na ocidental, o santuário, símbolo do céu em que o glorioso Cristo, o Cordeiro imaculado é oferecido a seu pai; no lado oeste dos símbolos da igreja representa-se a terra, nosso mundo, onde a congregação está! No meio dela, a plataforma superior simboliza Jerusalém, em cuja orla existe um pequeno altar, símbolo do Gólgota. No santuário celebra-se a liturgia do mistério ou Cristo e no *bema* a liturgia de Sua Palavra.

### ***A celebração dominical a atualização da dispensação de Cristo***

Embora essa ação litúrgica se concentre no ministério de Cristo e no mistério pascal (Paixão e Ressurreição), o ofício de louvor que precede a liturgia da Palavra, e especialmente a abertura dos véus durante o hino dos trilhos, contém clara alusão à vinda de Jesus entre nós. Essa parte é executada na frente dos véus. A oração vai para o *bema*, simbolizando Cristo indo pregar, e no *bema*, as leituras, especialmente o evangelho, são a pregação de Cristo. A missão de Cristo e Seus ministérios como o Profeta são ali atualizados. A procissão do *bema* ao *sanctwuy* simboliza o retorno de Cristo a Seu Pai no céu, e a apresentação do sacrifício atualiza Jesus o Pontífice da nova aliança e o glorioso Senhor apresentado por meio da vinda do Espírito Santo (*Epiclesis*): esta é a mesma oferta como a do céu, agora! A participação nos mistérios é a participação em o Reino de Deus realizado por Jesus após Sua ressurreição: a comunhão é o en-

contro com o adorável rei como na manhã da Ressurreição, e a última bênção é a do Ressuscitado subindo ao céu! O paraíso perdido é conquistado por Jesus.

## **Os mistérios-sacramentos: Comunicação do Senhor por meio de sinais e ritos**

### ***Perspectiva geral***

Seria irrealista pretender apresentar o papel e o lugar de Nosso Senhor nesses ritos com referências e citações apropriadas. Apresentam-se aqui alguns aspectos que poderiam ser, pelo menos em certa medida, verificados em um ou outro sacramento. Segundo nossa tradição, esses ritos são, pelo menos fundamentalmente, instituídos por Jesus; neles ele é ativo pela obra do Espírito Santo, depois da missão do Pai e da sua vontade. Cristo é comunicado, de maneiras diferentes, seja por sua presença, seja por sua configuração ou sua ação, nesses ritos, conforme a natureza de cada "sacramento", como se verá a seguir.

Cristo, então, é adorado por meio dos serviços desses sacramentos, que são atos de culto da Congregação prestado à Trindade que Cristo é, e finalmente essa adoração supõe a Confissão da Igreja em Jesus Cristo como Deus, o Filho, totalmente igual ao Seu Pai e Seu Espírito em divindade, criação, etc. E como homem, humano *qnoma*, unido à pessoa do Filho, união que O torna Mediador e Redentor.

O batismo é uma configuração para Cristo continuando seu batismo (um desenvolvimento posterior, do Século V em diante) e, portanto, uma adoção divina; isso é possível porque Cristo é o Filho de Deus e nossas primícias. Outros aspectos também são mencionados – por exemplo, os batizados são noivos ou noivas, semelhantes a Cristo, etc.

Cada rito, em sua particularidade, inclui um aspecto da cristologia. O sacerdócio é uma participação do sacerdócio de Jesus que, em sua vida, praticou todas as ordens. A relevância cristológica da Cruz é evidente e por meio dela os sacramentos são realizados. O Santo Evangelho não é apenas a Boa Nova de Cristo, mas simboliza Jesus, Ele mesmo, por isso é o padre que O carrega na procissão do santuário para o *bema* e vice-versa! O pão eucarístico, *bukhra*, está relacionado com Cristo, o primogênito! A celebração do casamento merece atenção especial. Embora Abdisho não conte nos sete sacramentos, é altamente engrandecido – como também o celibato – em nossa tradição. Pressupondo a ideia de aliança nupcial entre Deus e a congregação no Antigo Testamento e continuando no sentido da Epístola aos Efésios, nossa Liturgia do matrimônio é uma celebração do matrimônio da Igreja e de Cristo. Ele é o verdadeiro noivo durante a cerimônia de casamento. O casal é o tipo dEle, a imagem dEle e continuação.



## **Temas principais da teologia de Jesus Cristo**

### ***Variedade do mistério de Jesus Cristo***

Viu-se como nossa tradição litúrgica apresenta o Cristo sob diferentes luzes; mas todos os casos supõem a unidade de sua pessoa, ou identidade pessoal como Filho de Deus, e a dualidade de sua natureza, como Deus e homem. A dispensação mostra-O como Mediador e Redentor, as orações semanais meditam nEle como o Filho de Deus vindo ao mundo. A santa eucaristia O celebra como o Filho Encarnado, Mensageiro, crucificado e glorioso; os sacramentos indicam as diferentes maneiras pelas quais Ele se comunica Ele mesmo para a Igreja e seus membros.

Insisti nessa variedade porque falar de nossa cristologia reduzindo-a à questão Cristo é um ou dois, seria deformá-Lo, tratá-lo como abstrato e morto caminho. A liturgia apresenta Jesus, o Cristo, como homem real e Deus real, agindo corretamente por meio das duas naturezas concretas (*qnome*) e, assim, realizando efetivamente nossa redenção. Nossa tradição não descarta a questão fundamental do ser de Cristo, mas contempla-O de forma vívida, sagrada e amorosa, como este sublime mistério merece. Pensando nisso, apresentam-se alguns textos fundamentais da cristologia em geral.

### ***A Pessoa do Filho enviado***

A Igreja do Oriente acredita em Um Filho – filho = uma pessoa – que é um dos da Trindade e que se fez homem, assumindo uma natureza humana individual e concreta (*qnoma*). Abdisho Sums mostra isso claramente. Nossa liturgia confessa isso. Aquele que se tornou homem em um da Trindade e Ele nos revelou este Santo mistério: “No final dos dias, por meio de seu verdadeiro Filho você falou à nossa raça... e nos fez saber que em três *qnome* é confessado sua gloriosa divindade. “

### ***Os dois nomes***

O acima mencionado Karozutha fala claramente dos dois *qnome* (naturezas individuais) do Senhor e, então, da comunicação da luz da divindade para a humanidade: “Você que iluminou a lâmpada do *qnoma* de sua humanidade por gloriosos raios do *qnoma* de sua divindade.” A Criança adorada pelos Magos é realmente o Senhor, o Filho, o Rei que sofrerá: O texto é tão próprio da nossa Igreja!

### ***A dualidade na Unidade***

Dos textos anteriores pode-se inferir facilmente a unidade das duas naturezas – nome no Filho Único. Os depoimentos a seguir ilustram melhor essa

posição. O *tesh bohta* (louvor) dos mares da Anunciação-Natividade reflete a posição oficial no dogma cristológico da Igreja do Oriente, conforme então exposto teologicamente por mar. Bawai, o Grande.

## **2.4 - A Igreja do Oriente: a liturgia como expressão da cristologia – Corbispo M. J. Birnie (assírio)**

Neste artigo, questiona-se se a cristologia refletida nas orações litúrgicas e hinos da Igreja do Oriente expressam e alimentam uma fé na pessoa unitária do *Logos* encarnado, o Filho de Deus. Com atenção para o axioma estabelecido por Celestino I, “a regra da oração determina a regra da fé”, o autor procura demonstrar, por meio de extratos dos vários ofícios da Igreja contidos na Ordem da Santificação dos Apóstolos, no Ciclo dos Ofícios e Propriedades, e o Ofício Batismal, que as orações e hinos oficiais, quando se trata de temas cristológicos, dirigem-se a um único sujeito na pessoa de Cristo, e nutrem uma fé no indiviso Verbo encarnado. Já que a “causa de escândalo” inicial que levou ao primeiro Concílio de Éfeso dizia respeito à propriedade do uso da “troca de predicados” entre o divino e a natureza humana da pessoa de Cristo, procura-se demonstrar por meio das fontes acima nomeadas, que a troca de predicados tem um lugar distinto no culto na vida da comunidade fiel da Igreja do Oriente, não obstante a suspeita de que seu uso tenha ocasionalmente provocado na igreja e entre seus teólogos. A aparência da “troca” nesses textos e sua longa história sem revisão testemunham sua aceitação e importância por gerações de adoradores na Igreja. Com o axioma de Celestino em mente, o autor considera as consequências práticas que isso pode ter para o conceitualização do adorador enquanto ele visualiza o objeto de sua adoração.

### **A troca de predicados**

É típico nas liturgias da Igreja do Oriente que orações e hinos sejam endereçados a Deus ou ao Senhor Deus, incluindo aqueles que são endereçadas a Cristo e contêm matéria descritiva cristológica. O *Logos* divino, o Filho de Deus (embora não concebido à parte de sua humanidade), é concebido como Aquele a quem essas orações e hinos são endereçados. Embora a troca de predicados raramente seja empregada diretamente para expressar a pessoa unitária de Cristo, seu uso adquiriu caráter qualificado e aprovação sinódica, ou seja, pode ser empregado “ocasionalmente e por meio da economia. Essa aceitação oficial qualificada da propriedade e uso prático da troca é evidência de que a Igreja do Oriente a considera útil como um meio legítimo, embora às vezes controverso, de abordar e confessar a pessoa unitária de Cristo, e seu uso em contextos litúrgicos, embora limitado, não deixa de ser significativo.

Quando se procura um uso marcante e óbvio da troca de predicados em orações da Igreja do Oriente, confessa-se que é raro. Mas isso ocorre, e sua

ocorrência, às vezes, é surpreendente. Pode-se considerar este exemplo do Evening Ofício para quarta-feira, que as rubricas enfatizam, deve ser dito toda quarta-feira do ano: “Equipa-nos, ó nosso Senhor e nosso Deus, com armadura poderosa e invencível, pelas orações de sua bendita Mãe, e dá-nos uma porção e comunhão com ela em suas bodas.”

Como a controvérsia nestoriana surgiu em primeira instância sobre a propriedade do termo *Theotokos*, e porque a Igreja do Oriente eventualmente se alinhou com aqueles que questionaram seu uso e suas implicações para a cristologia, quando este é apontado, geralmente provoca ceticismo e uma pressa de verificação. De fato, porém, a veneração prestada à Santíssima Virgem entre os membros da Igreja do Oriente é intensa e proporcionalmente semelhante ao que lhe foi dado outros cristãos e corpos cristãos. A sobrevivência histórica de uma oração como esta não deve ser surpreendente para aqueles familiarizados com a piedade dos assírios. O lugar único da mãe de Cristo na história da salvação e sua relação singular com seu Filho, o “Filho do Altíssimo”, são temas de muitos hinos na Igreja. A colocação e a ênfase dadas a essa oração fazem com que ela se destaque ainda mais.

### **A linguagem da oração e do louvor, e a fé que é expressa ou invocada**

A linguagem da oração e do louvor é formativa no adorador, tanto por meio de imagens e sentimentos que evoca e da fé que constrói e é reforçada por sua expressão repetida. Nas liturgias da Igreja do Oriente, nas orações especificamente dirigidas a Deus ou ao Senhor Deus, onde se entende Cristo, a linguagem empregada para descrever suas experiências humanas direciona a mente do adorador à Deidade como antecedente. O sujeito dessas experiências é conceituado como um, e não como um e outro. Qualquer “dualidade” que possa surgir no decorrer de uma discussão polêmica ou a contemplação teórica desaparece na maravilha do hino e na certeza orante no cristão assírio quando ele, em sua adoração comum, dirige-se a seu Senhor e Deus, a Palavra tornou-se carne. A relação assim concebida e reconhecida entre o adorador e o adorado é de um para um. A sugestão de um interno, o relacionamento independente da natureza divina com a humana no Cristo unido está ausente da adoração do adorador, que reconhece apenas a unidade ôntica do Encarnado é percebida como estando em sua pessoa e em seu relacionamento com seu povo.

Aproximar-se do divino Filho de Deus por meio do véu de sua carne; honrar Sua mãe por causa do relacionamento de Sua carne com a dela e, portanto, Seu próprio relacionamento a ela; adorá-Lo e recebê-Lo intimamente por meio dos elementos mediadores dos sacramentos – Seu próprio corpo e sangue – esses atos de devoção, por efeito cumulativo no adorador, não deixam o menor espaço para a separação ser contemplada, seja por implicação, seja por inferência, na união única e absoluta da humanidade e divindade na pessoa de Cristo. A linguagem do culto e da adoração nas liturgias da Igreja do Oriente não leva o fiel a conceituar uma pessoa humana existindo por si mesma em relação com

o *Logos*. A identidade pessoal da masculinidade completa e inalterada assumida pelo *Logos* é a do eterno Filho de Deus, “gerado sem princípio além dos tempos e das origens”, que é o único objeto de petição e louvor. Como a adoração de seus irmãos e irmãs cristãos que foram ensinados a confessar a união em termos filosóficos estranhos ou suspeitos para ele (ou a seus ancestrais), sua própria adoração é do único Filho de Deus encarnado, ambos, Sofredor e Rei da Glória.

### 3. Conclusão: Confrontando os diálogos:

Com base na análise dos diálogos selecionados desta síntese, pode-se perceber que a **Liturgia** nas igrejas siríacas e nas igrejas católicas romanas tem semelhanças e diferenças notáveis, o que pode proporcionar um terreno fértil para o diálogo intercultural e interconfessional. Aqui estão algumas das semelhanças e diferenças entre essas tradições litúrgicas e como elas poderiam dialogar entre si:

#### Semelhanças

– *Eucaristia*: tanto nas igrejas siríacas quanto nas católicas romanas, a Eucaristia é o centro da liturgia. Ambas as tradições celebram a presença de Cristo no pão e no vinho consagrados.

– *Ritos sacramentais*: ambas as tradições compartilham muitos dos mesmos sacramentos, como o Batismo e a Confirmação, embora possam diferir nas liturgias específicas associadas a esses sacramentos.

– *Ciclo litúrgico anual*: ambas seguem um ciclo litúrgico anual que inclui as principais festas cristãs, como o Natal e a Páscoa, bem como a celebração de santos e mártires.

– *Uso de vestes litúrgicas*: tanto as igrejas siríacas quanto as católicas romanas têm uma tradição de clérigos usando vestes litúrgicas específicas durante as celebrações.

#### Diferenças

*Língua litúrgica*: uma das diferenças mais marcantes é a língua usada nas liturgias. As igrejas siríacas frequentemente usam o siríaco, enquanto as católicas romanas usam o latim (embora a liturgia em latim tenha sido traduzida para várias línguas locais após o Concílio Vaticano II).

– *Liturgia e ritos específicos*: ambas as tradições têm liturgias e ritos específicos distintos entre si – por exemplo, a liturgia siríaca inclui elementos como o uso de incenso e a *Anáfora de Mar Addai e Mar Mari*, enquanto a liturgia católica romana tem sua própria estrutura, incluindo a Missa Tridentina e a Missa Nova. A liturgia siríaca omite declarações consideradas indispensáveis nos ritos para

os católicos romanos, mas que estão presentes no subtexto de vários de seus trechos conforme foi amplamente defendido dos diálogos aqui estudados.

### **Como elas poderiam dialogar entre si**

– *Compreensão mútua*: um diálogo entre as tradições litúrgicas pode envolver aprofundar a compreensão mútua dos ritos, simbolismo e significado das ações litúrgicas.

– *Tradução e adaptação*: as igrejas podem considerar a tradução de partes de suas liturgias para uma língua comum ou compartilhar recursos litúrgicos adaptados para promover uma maior compreensão entre os fiéis.

– *Celebrações conjuntas*: a realização de celebrações litúrgicas conjuntas, quando apropriado, pode ser uma maneira de unir as tradições e promover o entendimento mútuo.

– *Diálogo teológico*: além dos aspectos práticos da liturgia, o diálogo entre as tradições pode se estender à teologia subjacente, discutindo temas como a Eucaristia, a mariologia, a eclesiologia e a hermenêutica bíblica.

– *Cooperação em assuntos sociais*: além da esfera litúrgica, as igrejas podem colaborar em questões sociais e éticas, buscando soluções comuns para desafios contemporâneos.

Quanto à **Cristologia**, o estudo da natureza e da pessoa de Jesus Cristo, é um ponto central na teologia cristã e pode variar entre diferentes tradições. A seguir algumas semelhanças, diferenças e maneiras de diálogo entre a cristologia das igrejas siríacas e das igrejas católicas romanas que detectadas nas liturgias e também nas aulas da disciplina:

**Semelhanças** – *Crença na divindade de Jesus*: tanto as igrejas siríacas quanto as católicas romanas acreditam na divindade de Jesus Cristo. Ambas as tradições afirmam que Jesus é verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem.

– *Concílio de Nicéia*: ambas as tradições aceitam o Credo Niceno, que foi formulado no Primeiro Concílio de Nicéia em 325 d.C. Esse credo afirma a divindade de Jesus Cristo e sua relação com o Pai.

**Diferenças** – *Terminologia e linguagem*: as tradições siríacas frequentemente usam terminologia e linguagem específicas para descrever a cristologia, que pode diferir daquelas usadas nas tradições católicas romanas – por exemplo, as igrejas siríacas têm uma tradição de usar termos como “hypostasis” e “physis” para discutir a natureza de Cristo.

– *Divergências históricas*: no passado, houve divergências entre as tradições orientais e ocidentais sobre questões cristológicas, como a controvérsia monofisita. As igrejas siríacas, em particular, têm uma tradição cristológica oriental distintiva que enfatiza a unidade da pessoa de Cristo. Essas diferenças, no entanto, foram objeto de diálogo e reconciliação ao longo dos anos.

## Como elas poderiam dialogar entre si

– *Diálogo teológico*: as igrejas siríacas e as católicas romanas podem realizar diálogos teológicos para aprofundar a compreensão mútua de suas respectivas tradições cristológicas. Isso pode envolver a discussão de termos, conceitos e formulações teológicas.

– *Estudo conjunto das Escrituras e dos Padres da Igreja*: as duas tradições podem estudar juntas as Escrituras e os escritos dos Padres da Igreja que tratam da cristologia, para encontrar áreas de convergência e divergência e promover uma compreensão mais profunda.

– *Respeito pela diversidade teológica*: é importante que o diálogo seja conduzido com respeito pela diversidade teológica. Isso significa reconhecer que diferentes tradições podem usar terminologia diferente para expressar verdades semelhantes.

– *Cooperação em questões práticas*: além das discussões teológicas, as igrejas podem cooperar em questões práticas, como as sociais, éticas e de justiça, buscando soluções conjuntas para desafios contemporâneos.

– *Celebrações e eventos conjuntos*: a realização de celebrações ecumênicas e de eventos conjuntos pode promover a unidade e o entendimento entre as tradições cristológicas.

O diálogo entre as igrejas siríacas e as católicas romanas pode ser enriquecedor, promovendo a compreensão mútua, a unidade cristã e a cooperação em questões religiosas e sociais. É importante lembrar que o diálogo inter-religioso deve ser conduzido com respeito mútuo e abertura para construir pontes de compreensão e cooperação, mesmo em face de diferenças litúrgicas e teológicas.

## Referências

BERGER, Ferdinand; GES, Sohne. *Syriac dialogue: first non-official consultation on dialogue within the Syriac tradition*. Vienna, 1994, p. 167-193.

BERGER, Ferdinand, GES, Sohne. *Syriac dialogue: second non-official consultation on dialogue within the Syriac tradition*. Vienna, 1997, p. 153-190.

BROCK, S. P. The Syriac Orient: a third "lung" for the church? *Orientalia Christiana Periodica*. Roma: Pontificium Institutum Orientalium Studiorum. 2005. v. 71, p. 5-20.

LANNE, Emmanuel. *As três Romas*. Revista Concilium/268: História da Igreja: A Santa Igreja Russa e a Cristandade Ocidental. Holanda, 1996. p. 18 [864]-136[979].